

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1-A-64

24

Curso C-PEM/85

Partido

Solução do P-III-7 (En) ENSAIO

Apresentada por

EDMUNDO AMARAL BAPTISTA

CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA

NOME E POSTO



RIO DE JANEIRO

19...85....

A MARINHA ALEMÃ NA 2ª GUERRA MUNDIAL

EDMUNDO AMARAL BAPTISTA
Capitão-de-Mar-e-Guerra



MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1985

GN-00000720-5

MM - EGN
BIBLIOTECA
24 / 06 / 1986
N: 118

A MARINHA ALMA DA GUERRA MARITIMA

RENUNDO AMARAL BAPTISTA
Capitão-de-Mar-e-Guerra



MINISTERIO DA MARINHA

FORÇA DE GUERRA MARITIMA

1982

TEMA: A MARINHA ALEMÃ NA 2ª GUERRA MUNDIAL

PROPOSIÇÃO: Estudar a atuação da marinha alemã na 2ª Guerra Mundial dando ênfase ao relacionamento de Hitler com o Alto Comando da Marinha. Analisar as ações empreendidas quanto ao enfoque da concordância e/ou discordância do Alto Comando da Marinha com relação à conduta da guerra.

ÍNDICE

	FOLHA
Proposição	II
CAPÍTULO 1 - A ERA DE RAEDER	1
CAPÍTULO 2 - DOENITZ NO ALTO COMANDO DA MARINHA E A DERROTA ALEMÃ	7
ANEXO - PLANO DE REAPARELHAMENTO DA MARINHA ALEMÃ ..	A-1
BIBLIOGRAFIA	A-2

CAPÍTULO 1

A ERA DE RAEDER

Quando o partido nazista assumiu o poder em 1933, o Almirante Raeder, foi um dos que mais aplaudiu as vitórias políticas de Hitler, vendo nele um caudilho que, sendo oriundo do povo, conseguira o milagre de galgar o poder, com partilhando dos velhos conceitos prussianos de cega obediência e pulso firme.

Até a ascensão de Hitler, os planos de reaparelhamento da Marinha Alemã estavam relegados ao final da lista de prioridades do governo. Hitler conseguiu fazer Raeder acreditar que era profundo admirador da importância do Poder Naval, prometendo-lhe não esquecer a Marinha quando dos seus planos de expansão militar. A lealdade do Almirante estava definitivamente consolidada. Raeder era um marinheiro da velha estirpe germânica, com tradições prussianas arraigadas e com excepcionais qualidades como estrategista naval. Pareceu ao Fuhrer, o homem ideal para o Alto Comando da Marinha. Durante o exercício do Comando da Marinha, Raeder demonstraria ainda, ser um bom administrador e excelente planejador. Exerceu com eficiência um cuidadoso controle de todos os setores da Marinha e gozava do respeito e admiração do pessoal da Armada. Embora sua lealdade ao Fuhrer fosse inquestionável, era hostil a alguns membros influentes do partido nazista. O seu ódio a Goering, da Luftwaffe, chegou ao ponto de, em 1938, quando recusou convite de Hitler para assumir o cargo de chefe supremo das forças armadas, dizer-lhe:

"Por favor proteja a Marinha e o meu sucessor de Goering ...". (3:20).

Sob os auspícios da República de Weimar, o Marechal de

Campo Von Blomberg e o General Von Fritsch deram partida ao reerguimento da "Wehrmacht" com vistas a defesa do território. A hostilidade da França e o rápido incremento do poder da Rússia, justificavam as preocupações alemães e os seus planos de rearmamento. Já os nazistas, quando no poder, passaram a considerar também a possibilidade de agressão germânica, embora acobertassem seus planos no estigma da preparação defensiva. Na análise dos resultados da primeira guerra mundial, o alto comando alemão parece ter esquecido que a importância de um Poder Naval adequado, mesmo para um país continental, foi uma das grandes lições daquele conflito. Descartaram a possibilidade de confronto bélico com a Inglaterra, único país europeu que os preocupava em termos de poder naval, e acreditaram poder dispensar a utilização da Marinha para enfrentar a França ou a Rússia. Raeder fez feroz oposição a esta "atitude terrestre", conseguindo carrear parte dos recursos disponíveis para a modernização da esquadra, argumentando com a expansão da Marinha francesa, em favor do seu ponto de vista. Iniciou então, o planejamento de uma Marinha pequena, mas bem proporcionada. Deu partida nos projetos dos encouraçados de bolso, e a construção de submarinos, secretamente, em estaleiros da Holanda e da Finlândia, além de estimular as pesquisas de novos armamentos de emprego naval.

Não obstante os avanços conseguidos, somente com a ascensão de Hitler, teve Raeder a oportunidade de conseguir expandir a esquadra alemã na mesma proporção das esquadras das demais nações. Hitler descumpriu abertamente o Tratado de Versailles, que limitava sua Marinha a um efetivo de 15.000 homens e a um reduzido número de navios, ao assinar um acordo com a Inglaterra, que permitia a esquadra alemã ter 35% das unidades de superfície inglesas e igual número

de submarinos. A Marinha Germânica estaria dimensionada de tal modo, que não oferecia risco sério ao Reino Unido, mas seria suficiente para um eventual confronto com a França ou com a Rússia (3:25). Raeder então planejou o reaparelhamento da Marinha, visando torná-la apta a guerrear com a Inglaterra, caso fosse inevitável, nos meados da década de 40, acreditando fielmente nas acertivas do Fuhrer quanto a este aspecto. Assim mesmo, em 1938, percebendo que a Inglaterra só não declarava guerra a Alemanha devido a inadequação de sua defesa aérea, tratou de implantar o plano "Z" para a modernização de meios da Marinha. Abandonou definitivamente a concepção de uma "esquadra equilibrada", dando prioridade absoluta, à construção de submarinos e encouraçados. Estava certo de que não dispunha de tempo para igualar a Marinha Inglesa, e que não lhe restava outra alternativa, senão a de dotar a Marinha de navios independentes, em quantidade suficiente para atacar e destruir as comunicações marítimas inglesas. Defendeu o emprego da arma aero-naval, mas foi derrotado pela oposição ferrenha de Goering, que garantiu estar a Luftwaffe e equipada para o apoio à Marinha, com a utilização de suas aeronaves baseadas em terra.

Verificando as datas previstas para a incorporação das novas unidades, percebe-se que não se cogitou de confronto com a Inglaterra antes da data citada anteriormente. (Ver Anexo "A").

Logo após, a anexação da Tchecoslováquia e os êxitos dos planos para a invasão da Polônia, levaram Raeder e o seu Estado-Maior a visualizarem o confronto antes das premissas estabelecidas pelo Fuhrer. Raeder ordenou então uma extensa revisão do plano "Z", postergando todos os projetos de construção a longo prazo, em favor de outros que lhe permitissem incorpo-

rar rapidamente, novas unidades que dotassem a esquadra de capacidade para ataque ao tráfego marítimo inglês, em detrimento da adequação para empreender ações navais de maior envergadura, quer de defesa, como de ataque.

Quando em 1939, eclodiu a guerra com a Inglaterra, a Marinha Alemã contava com cinco encouraçados, três cruzadores pesados, cinco cruzadores ligeiros e cinquenta e sete submarinos, além de grande número de contra-torpedeiros e outros navios de menor porte e poder combatente. (Navios mineiros, lanchas torpedeiras e etc). Dois encouraçados encontravam-se em final de construção.

A Marinha alemã entrava em guerra com a Inglaterra cinco anos antes das previsões, o que fez Raeder, embora sabendo que seus oficiais ~~as~~ praças estavam bem adestrados e imbuídos das idéias nazistas, afirmar que as perspectivas eram tenebrosas (3:35).

O afundamento de NM Athenia marcou o início da campanha submarina alemã contra o tráfego aliado no Atlântico, campanha esta que duraria até os últimos dias da guerra. Raeder, percebeu de pronto, que esta luta seria de grande duração e vital para o resultado final do conflito. Passou a defender a teoria do ataque sem distinção ao tráfego marítimo aliado sem respeitar as normas do direito internacional, contrariando as teorias de Hitler que advogava rigoroso cumprimento da "Convenção de Haia", o que reduzia sensivelmente o espectro da guerra naval imaginada por Raeder. Hitler venceu, e a marinha alemã engajou na luta contra as teorias do seu comandante, que embora mantendo sempre fiel obediência as ordens superiores, por diversas ocasiões lhe solicitou o levantamento das limitações impostas as ações submarinas, tendo obtido êxitos parciais.

Em paralelo com a ação dos submarinos a Alemanha empre

gou como corsários os seus encouraçados de bolso, em ações isoladas. No período inicial do conflito estes conseguiram tantos êxitos quanto os submarinos, que já enfrentavam forte oposição dos aliados, que organizavam comboios eficientes na proteção do tráfego marítimo. Ao final de 1939, os submarinos e encouraçados ensejaram aos alemães certa vantagem no teatro naval do Atlântico. Mesmo assim, Raeder já fazia ver a Hitler que era necessário um incremento na construção de submarinos, argumentando com o fato de que o número de submersíveis destruídos em poucos meses, já era superior à previsão de incorporação de unidades deste ano, o que não permitiria, atingir a meta de afundar mais navios mercantes aliados, do que eles poderiam construir.

Com o desenrolar da guerra, pouco a pouco os navios de superfície foram deixando de ser fonte de preocupação séria para os aliados, enquanto as ações submarinas cada vez mais cresciam de importância (2:130). O afundamento do "Graf-Spee", ainda em 1939, foi o primeiro grande golpe desferido pelos aliados aos "imbatíveis" encouraçados alemães. Raeder continuava propugnando pela necessidade do adequado apoio aéreo da Luftwaffe às operações navais, sem grandes êxitos.

O esforço de guerra alemão prosseguia ao sabor da vontade de Hitler, que o planejava e executava quase que ditatorialmente. A invasão da Noruega, à época em que ocorreu, contrariou frontalmente os pontos de vista da Marinha, que pregava a necessidade da manutenção da neutralidade daquele país, por prever que a Inglaterra empregaria grandes ações de contra-medidas, e que a Marinha Alemã não estava preparada para rechaçá-los. A guerra com a Inglaterra, em paralelo com a invasão da Rússia, foi também desaconselhada por Raeder, que cada vez com mais veemências, afirmava que a Marinha Alemã, com

os meios disponíveis e sem contar com apoio aéreo da Luftwaffe, não resistiria a um esforço de guerra prolongado contra os inimigos. Dos componentes do alto-comando germânico, Raeder parecia ser o único que avaliava corretamente o significado do poder aliado, insistindo sempre com Hitler de que os êxitos isolados dos submarinos, navios corsários e aviões da Luftwaffe, não eram suficientes para conseguir negar aos aliados o domínio do mar. Continuou enfatizando, sempre que a oportunidade aparecia, que sem a arma aérea-naval e o aumento dos navios de superfície, não tinha a Marinha Germânica condição de ombrear-se com as esquadras aliadas (3:168).

Hitler todavia, não contemplou a Marinha com a atenção reclamada por Raeder, haja visto que, em 1942 quando a economia alemã de guerra chegou a sua capacidade culminante, foi a Marinha, das três armas, a que mais sofreu cortes e restrições. Exceto quanto aos submarinos, todos os outros itens sofreram cortes em seus projetos.

A insistência de Raeder em pontos discordantes da estratégia alemã, levaram Hitler, a considerá-lo um derrotista, atingindo depois um estágio de ódio histórico contra ele, que culminou com a sua substituição pelo Almirante Doenitz, comandante da força de submarinos, no limiar de 1943. Raeder deixou o cargo, não sem antes assistir o Fuhrer ordenar a cessação de todas as construções de navios de superfície e a baixa dos encouraçados e cruzadores, mantendo apenas algumas unidades para instrução. A mão de obra e os recursos, foram todos carregados para o reparo e construção de submarinos.

Durante o seu Comando, Raeder foi estimado por todo o pessoal, que lamentou a perda de um excepcional estrategista e em progo administrador, que nunca negou ao Fuhrer uma lealdade exemplar, cumprindo sempre à risca suas determinações.

CAPÍTULO 2

"DOENITZ NO ALTO COMANDO DA MARINHA E A DERROTA ALEMÃ"

O Almirante Doenitz, Chefe do Estado-Maior e Comandante da Força de Submarinos, um dos dois Almirantes indicados por Raeder para sucedê-lo, foi o escolhido por Hitler, que decidira continuar o esforço da guerra naval empregando somente submarinos e navios de escolta. Ao assumir o cargo, Doenitz via com bons olhos a decisão da baixa dos grandes navios de superfície. Visualizava um incremento na construção e emprego de submarinos, arma que conhecia, e defendia com intensidade.

No entanto, três meses após mudava de pensamento, e com sutileza, induziu o Fuhrer a anular a ordem que acabara com as grandes unidades de superfície da Esquadra Alemã.

O Domínio do Mediterrâneo pelos aliados era insofismável. As perdas de submarinos germânicos aumentavam, e a escassez de aço no país não permitia aos alemães manter o ritmo das construções navais. A posição germânica passava a ser nitidamente defensiva. A atuação dos submarinos no Atlântico, passou a constituir-se no único fio de esperança de salvá-los da derrota final, e foi intensificada por orientação de Doenitz. Em contrapartida, os aliados evoluíram suas medidas anti-submarinas, empregando aviões de elevado raio de ação, navios aeródromos e numerosos escoltas equipados com radar, assumindo lentamente, as iniciativas das ações, antes quase todas dos submersíveis alemães. Ao mesmo tempo, tendo decifrado o criptografo "Enigma", os aliados interceptavam as comunicações dos submarinos alemães, conhecendo as posições e intenções de manobra dos mesmos e dos seus reabastecedores. Tal fato, permitiu atacá-los com freqüência e desviar os comboios das rotas peri

gosas (4:104).

Doenitz, percebendo a gravidade da situação, clamava constantemente pelo apoio, sempre insuficiente, dos aviões da Luftwaffe. Goering continuava a não atender. Mais tarde, o Almirante chegava a afirmar:

→ "Ainda não é tarde demais para dotar a Armada de uma arma aérea - naval..." (3:196).

Embora também não tenha conseguido de Hitler o apoio para a aviação naval, foi patente que Doenitz conseguiu fazer com ^o Führer desse mais atenção à Marinha, que seu antecessor. Sabendo-se mais vulnerável que Raeder em estratégia, passou a dar conhecimento ao governante de quase todos os assuntos internos da Força Naval. Com isto, conseguiu angariar a simpatia do mandatário, ultrapassando seus rivais e chegando a substituí-lo no final do conflito. Ainda conseguiria o apoio entusiástico de Hitler para a construção de pequenos submarinos da Classe Walther, que desenvolviam maiores velocidades submersos. Embora estes novos submarinos tivessem conseguido excelentes atuações, já era demasiado tarde, pois a derrota alemã desenhava-se inexoravelmente. Ao final de 1943 e durante 1944, os Aliados já detinham o domínio do Atlântico e transportavam para a Inglaterra e Mediterrâneo, os víveres, munições e todos os outros itens necessários ao assalto final ao continente europeu.

Doenitz permaneceu com Hitler até a derrota final e fez com que a Marinha continuasse imbuída dos ideais nazistas e cumprindo fielmente sua orientação.

A valentia dos submarinistas alemães foi inquestionável. Foram eles os únicos, entre todos os componentes do poder militar germânico, que lutaram até o final do conflito, mesmo quando enfrentaram uma flagrante superioridade aliada.

Finalmente, podemos concluir, que o fato de Hitler ter imposto à Marinha Germânica, uma guerra para a qual estava despreparada, representou um fator preponderante na derrocada final do eixo. O planejamento da guerra naval, foi quase sempre improvisado para atender aos ditames do Fuhrer. As advertências dos chefes navais quanto a estratégia a ser empregada, quase nunca foram consideradas pelo ditador.

O resultado é conhecido de todos; a Alemanha perdia , pela segunda vez outra guerra, e tinha o seu poder marítimo aniquilado.

ANEXO A

PLANO DE REAPARELHAMENTO DA MARINHA ALEMÃ

PLANO "Z" DE FEVEREIRO DE 1938 (3:28)

- 1) Seis Encouraçados Prontificação no final de 1944
- 2) Quatro Cruzadores Prontificação no final de 1943
- 3) Quatro Cruzadores Pesados .. Prontificação no final de 1944
- 4) Quatro Cruzadores Ligeiros . Prontificação no final de 1944
- 5) Treze Cruzadores Ligeiros .. Prontificação no final de 1948
- 6) Dois Navios-Aeródromos Prontificação no final de 1941
- 7) Dois Navios-Aeródromos Prontificação no final de 1947

(Não estão incluídos os contratorpedeiros e outros tipos de navios).

BIBLIOGRAFIA

1. BRASIL. Escola de Guerra Naval. EGN-215-A - Guia para elaboração de teses e monografias. Rio de Janeiro, 1981.
2. CAMINHA, João Carlos. História marítima. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.
3. MARTIENSSEN, Anthony. Hitler y sus Almirantes. Madrid , Escuela de Guerra Naval, 1950.
4. WINTERBOTHAM, F.W. Enigma - o segredo de Hitler. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1978.



00007170000118

A Marinha Alema na 2 Guerra Mund

1-A-64

Este livro deve ser devolvido na
última data carimbada

[illegible]

Departamento de Imprensa Nacional —

(118/86)

Baptista, Edmundo Amaral

A Marinha Alemã na 2 Guerra Mundial

1-A-64

WOMEN IN LIT (118/86)

24 JUN 87

CC(1m) KERNAN

24 JUN 88

李汉平 *Handwritten signature*
cc. HAN Ping.

11 ABR 91

01 SET 91

Handwritten signature ~~afennovae~~
PI CF HARTZ)

29 OUT 1993